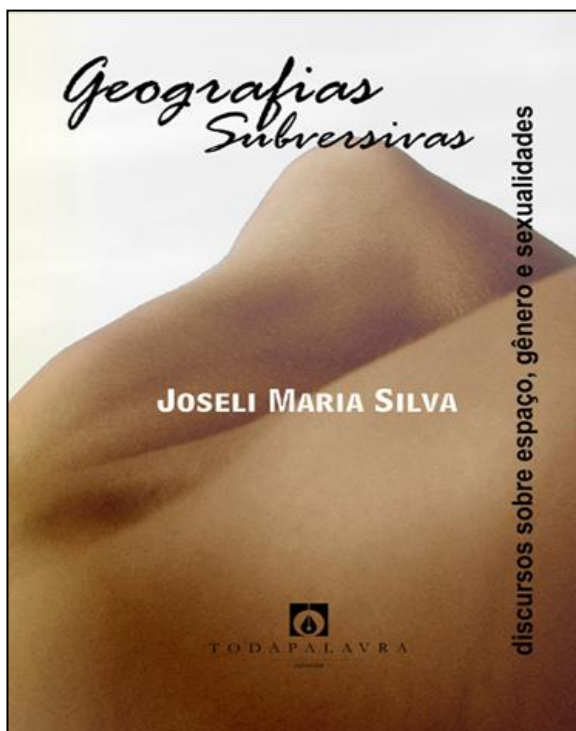


RESENHA

SILVA, Joseli Maria. *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.



Karina Eugenia Fioravante

Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR
Praça Santos Andrade, s/nº. Caixa Postal 992
CEP 84010-330, Ponta Grossa-PR
karina_fr@hotmail.com

O livro “Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades” reflete a trajetória acadêmica de Joseli Maria Silva, docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa - Paraná, e de outros pesquisadores integrantes do Grupo de Estudos Territoriais (GETE – UEPG) e da Rede de Estudos de Geografia e Gênero da América Latina (REGGAL). O livro surgiu das inquietações desses profissionais, e nos traz uma rica coletânea de idéias, que ainda hoje, permanecem muitas delas, invisíveis aos olhares da Academia.

A autora, primeiramente, nos instiga a indagar acerca da construção do saber geográfico. Sua premissa é de que nós, geógrafos brasileiros, somos herdeiros de uma concepção científica objetiva, universal e neutra que vem marcando o nosso ‘fazer’ geográfico, neutralizando, assim, a pluralidade humana e os diferentes tipos de saber.

Sua perspectiva se constrói, pois, na necessidade de questionarmos esses pressupostos, duvidando da autoridade do discurso científico branco, masculino e ocidental. Para a autora, esse é um dos primeiros passos para permitirmos a emergência de saberes que estão fora do *hall* de interesse acadêmico.

A obra de Joseli Maria Silva contribui no sentido de conferir visibilidade a grupos sociais que até hoje são negligenciados no meio científico da geografia brasileira, tais quais, mulheres de baixa renda, travestis, prostitutas, meninas exploradas sexualmente e meninos de periferia urbana infratores. O esforço desses corajosos pesquisadores resultou nesse livro, organizado em três partes. A primeira parte do livro reúne uma coletânea de textos escritos por Joseli Maria Silva. No primeiro texto, “Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidade”, a autora nos traz a trajetória do pensamento feminista, realizando também uma revisão crítica da geografia feminista brasileira. Apesar de amplamente desenvolvida nos países de língua inglesa, as abordagens feministas ainda permanecem enquanto um “não-dito” na geografia brasileira.

Seu segundo texto, “Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista a geografia eurocêntrica” aprofunda as idéias abordadas no texto anterior. Apesar da pluralidade e evolução das geografias feministas em outros contextos, percebemos o pequeno desenvolvimento dessa perspectiva no Brasil. A autora discute que existem mecanismos de poder que produziram um discurso geográfico eurocêntrico, sendo este pouco permeável a incorporação das discussões de gênero. Silva também nos alerta que, apesar da crescente feminização da geografia brasileira, a produção relacionada à temática de mulheres e gênero ainda é escassa.

“Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica”, terceiro texto do livro, traz uma interessante discussão metodológica e teórica das perspectivas feministas e *queer*. A autora inicia sua discussão trazendo alguns esclarecimentos acerca de sua posicionalidade científica. Também, traz uma rica discussão sobre posicionalidade e flexibilidade na prática investigativa geográfica, nos transportando para suas experiências de pesquisa em campo, demonstrando assim, a importância de pensarmos sobre nossa própria corporalidade, bem como, sobre suas relações e implicações na construção do saber.

O quarto texto da autora, “Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino” é um dos primeiros trabalhos publicados pela autora sobre a perspectiva de gênero. Esse texto explora as experiências espaciais de mulheres de baixa renda chefes de família, evidenciando que a relação entre o espaço público e privado traz uma realidade socioespacial articulada e complexa. O quinto, e último texto de Joseli Maria Silva, “A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade”, explora as experiências espaciais de sujeitos que se identificam como travestis. A autora traz como exemplo a experiência escolar das travestis, uma vez que, para esses sujeitos, essa espacialidade se apresenta de maneira interdita.

Na segunda parte do livro, encontramos temáticas variadas relativas as dissertações de mestrado dos pesquisadores integrantes do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) na Universidade Estadual de Ponta Grossa. O primeiro texto, “Espaço e as redes de interdependência na produção da invisibilidade da exploração sexual comercial infanto-juvenil feminina” de Almir Nabozny, objetiva explorar as experiências vivenciadas pelas adolescentes que estão inseridas no contexto da exploração sexual.

Marcio José Ornat, em seu texto intitulado, “Espacialidades travestis a instituição do território paradoxal” busca compreender a instituição do território paradoxal a partir das experiências e vivências espaciais do grupo de travestis que desenvolvem atividades comerciais sexuais na cidade de Ponta Grossa, PR. O autor explora as espacialidades travestis no cotidiano da cidade, concluindo que as existências travestis são marcadas por espaços interditos e por territórios, constituídos por múltiplas e variadas espacialidades desses sujeitos. O texto seguinte, de Rodrigo Rossi e Alides Baptista Chimin Junior, “Periferias pobres e masculinidades: uma discussão sobre espaço e elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei” nos traz uma discussão sobre masculinidades, especialmente os elementos identitários dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei.

A terceira parte do livro é composta por trabalhos de pesquisadores que fazem parte da Rede de Estudos de Geografia e Gênero da América Latina (REGGAL), criada em 2006. Edson Armando Silva nos traz, “Tensões e corporalidades no espaço religioso católico”. Nesse texto o autor explora os tensionamentos produzidos pelas mudanças nos papéis femininos na Igreja Católica, concluindo que, apesar dos valores seculares

instituídos com relação a figura feminina, as mulheres acabaram por subverter a norma estabelecida, produzindo assim, resignificações de sua corporalidade no espaço religioso católico.

Em, “As identidades e representações do feminino na sociedade moderna: resignificações de tradições pré-modernas na construção socioespacial da umbanda”, Marcelo Alonso Morais e Augusto César Pinheiro da Silva, abordam as representações femininas presentes nas práticas umbandistas, concluindo que essas significações subvertem as representações hegemônicas da sociedade ocidental. A figura feminina, experienciada a partir de atributos conferidos majoritariamente às masculinidades, como força, poder e coragem, promovem uma resignificação do feminino na sociedade brasileira, a partir de práticas de fé da umbanda.

Diana Lan apresenta em, “Género y territorio: la violencia doméstica em espacios de vulnerabilidad y exclusión social – notas a partir de un caso em Argentina”, mulheres que sofrem abusos de violência doméstica, apontando para o fato de que esse tipo de violência está presente em diversas classes de renda e espacialidades. O último texto do livro, “A perspectiva feminista na geografia brasileira” de Susana Maria Veleda da Silva realiza um breve panorama das Geografias Feministas. A autora alerta para o fato de que a geografia brasileira precisa considerar em sua história os mais de vinte anos de influência do feminismo, sem esquecer a necessidade de se fazer geografia a partir de um olhar diferenciado.

Enfim, a coletânea organizada por Joseli Maria Silva nos traz os ideais de geógrafos e outros pesquisadores que vêm se engajando com uma área que ainda é pouco explorada na geografia brasileira. A análise crítica proposta pelos autores é leitura obrigatória para todos que se interessam pelas discussões sobre gênero, sexualidades e principalmente, pela geografia.

Recebido para publicação em agosto de 2010
Aprovado para publicação em setembro de 2010